

POÉTICA DAS PEDRAS

MARTA BONACH GOMES (PUC-GO)¹

Amparo-me nesta premissa para propor uma investigação a respeito da obra de Cora Coralina (pseudônimo de ANA LINS DOS GUIMARÃES PEIXOTO BRETAS (1889-1985), filtrada no olhar contemporâneo, desde sua produção até complexidades no campo da poesia na literatura brasileira (conotação feminina, liberdade na criação ou variabilidade temática). Nesse sentido, a pesquisa se propõe a realizar um estudo sob a produção artística e estética na singularidade dos poemas coralíneos, a partir da construção escrita de seus textos poéticos e sob o viés do movimento constante de atração pelo espaço rememorado (BACHELARD, 1989).

Palavras-chave: Poética; Cora Coralina; Memória; História; Goiás.

¹ Graduada em Pedagogia (UFG), Mestranda em Letras -Crítica Literária (PUC-GO). Contato:marthabonach@gmail.com

Introdução

Considerada uma das mais importantes escritoras brasileiras, Cora Coralina teve o seu primeiro livro publicado em junho de 1965 (*Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*), quando já tinha quase 76 anos de idade. De nossa parte, acreditamos que a produção de Cora Coralina se deu no seu entardecer poético, fez um inventário da vida; embora algo mais como a delicadeza das coisas naturais da terra, antecipando hipótese cronológica, seria algo com o seu complemento em forma artística, perguntaríamos, senão a expressão mais legítima –*fruir, posse, gozo* – Em Bosi (1977) Baudelaire nos antecipa: “*O poeta goza desse incomparável privilégio de poder, à sua vontade, ser ele mesmo o outro.*”

Com a vantagem de reproduzir poeticamente seu texto lírico e cheio de harmonia e exuberância, cuja meta, em análise, é a relação autobiográfica de alto teor na obra coralínea. A poetisa entrelaça nas palavras para se revelar e usa a forma de verso livre e prosa narrativa animada, tão intensa de conotação própria e força feminina, vinda do Planalto Central. Na crônica de Teles (2017) que cita Drummond, em conformidade de suas palavras a poetisa: de sua “*consciência humanitária*” e “*forma antes artesanal do que acadêmica*”, este autor amplia e estende o sentido temático, acentuando o conceito sobre a obra coralínea no sentido significante de suma importância deste acontecimento oportuno.

Ocorre-nos a propósito, estabelecer a relação com tudo o que se refere a concordância originária entre o homem e o ser encontrados em seus poemas que constituem um belo mito literário em Goiás.

Assim, pensamos demarcar a própria experiência artística, ao escolher os poemas que tecem o próprio mundo, e engendra as relações previsíveis entre o homem o ser e o tempo. O mistério do mundo e a trama que tece o

tapete de suas raízes, desenvolvendo o círculo de reflexão onde o próprio espaço se torna visivelmente um lugar pensante. Neste sentido abordaremos as temáticas a seguir, não nos prendendo a limites nítidos: voltaremos sempre que necessário as ideias já exploradas.

Entardecer Poético de Cora Coralina

Ocorre-nos a propósito, registrar a trajetória de tema poético em movimento de Cora Coralina, transitou por quase meio século de vida (desde a adolescência), escreveu, declamou, militou a favor dos jovens GEN (Grupos de Escritores Novos) de Goiânia como ressalta Denófrio (2004):

Contraditoriamente ou não, à época de sua estreia como poetisa, Cora foi muito apoiada, em Goiás, pelos jovens que se enveredavam pelas vias da experimentação, ou seja, pela vanguarda goiana daquela época, do que por aqueles que se encontravam em sua faixa de vigência. Na verdade, ela preferia os jovens. A poetisa declara, em seu poema, “Meu vintém perdido”, seu respeito constante, gratidão pelos jovens. / Foram eles, o grupo Gen, cheios de um fogo novo/ que me promoveram a primeira noite de autógrafos[...] jamais os esquecerei. (Denófrio, 2004. P.22)

Mas no cenário literário a força jovem se fez notar na entrada inaugural da poetisa na Literatura em Goiás, no qual a jovem anciã estreia com maestria. Consequência significativa para a poetisa goiana.

Sua vitalidade é sugada do profundo do ser, enraizada de conotações de traços lírico e telúrico. Livre, turbulenta, receptiva, de poemas rudes

como as pedras e fragmentos de cada elemento do tempo, a autora se enraíza na matéria-pedra.

Poetisa mensageira da liberdade e o que interessa em nossos propósitos, assim seus poemas, com conteúdos marcados por histórias como ser humano e vivo... ”*em segunda pessoa, como se estivesse conversando com ela. Na verdade, é como se a Aninha dos 15 anos estivesse dizendo a Cora Coralina dos setenta.* ” (Teles, 2017) quando ela se expressa; permite ao leitor discernir a sua essência:

“Das Pedras”

Ajuntei todas as **pedras**
que **vieram sobre mim**. [grifos]
Levantei uma escada muito alta
e no alto subi.
Teci um tapete floreado
e no sonho me perdi.

Uma estrada,
um leito,
uma casa,
um **companheiro**.
Tudo de pedra. [grifo nosso]

Entre **pedras**
cresceu a minha **poesia**.
Minha **vida**...
Quebrando **pedras**
e plantando **flores**. [grifos]

Entre pedras que me esmagavam
Levantei a **pedra rude**

dos **meus versos**. [grifos]

(Meu Livro de *Cordel Coralina*, Cora. Ed Global, p. 13, 1987)

Bem poderia se servir das imagens em construção descritiva da obra. As pedras de Cora se diferenciam a cada verso, detalhes, que se encontram nos vãos e no interior da palavra, justificam as possibilidades de desprender-se das provocações do caminho.

Assim se explica o caminho positivo de retorno ao passado, tais considerações nos remetem ao ponto que merece atenção ao que se refere a figuras femininas e seus feitos, vale-se o fato da obra ser escrita por uma mulher, é algo notável, lembrando que, parte de um período conservador da escrita feminina.

Retomando o que há pouco dizíamos, desde o florescimento dessa agitação cultural na obra até à memória feminina. Cora participou de movimentos literários, consequência significativa no ambiente da produção, foi possível elencar duas importantes; a primeira iniciativa louvável e vale registrar o destino de alcance na arte entre amigas. Mulheres que povoam o poema, figuras femininas goianas e seus feitos: ingresso na vida autoral desde o ensaio aos dezesseis anos, quando criou com Leodegária de Jesus² e outras senhoritas da cidade de Goiás o jornal *A Rosa* (1907), momento de criação de Ana Lins o seu pseudônimo Cora Coralina.

² Leodegária de Jesus primeira mulher a publicar livro de poemas em Goiás (Coroa de lírios, 1906 e Orchídeas, 1928). Ambas nascidas em 1889, no mesmo mês de agosto (Leodegária no dia oito, Cora no dia vinte), grandes amigas de adolescência, confidentes pela vida afora.

Leodegária era praticamente a única jovem a frequentar, com assiduidade, a casa de Cora na cidade de Goiás); ambas destacadas ativistas literárias, realizaram, no entanto, uma poesia verdadeiramente antípoda. Além de participar do Clube Literário Goiano que chegou a ser presidido por Leodegária (conforme se lê em “Velho sobrado”, da própria Cora), agremiação que era palco das “Tertúlias literárias” da época, as duas também, ainda adolescentes, integraram a equipe de quatro jovens encarregadas de dirigir o jornal literário *A Rosa*, destacando-se a atuação das duas amigas. Fundado em 1907, esse jornal funcionou, à época, como verdadeiro veículo das ideias do movimento literário da cidade de Goiás, segundo Gilberto Mendonça Teles em sua obra de referência, *A poesia em Goiás*. (Denófrio, 2004, p.13)

A força de sua alma e sua intimidade com a magia das palavras não se esgota numa simples e breve leitura, é preciso que gerações e gerações de críticos com metodologias diferentes cavem o seu poema, a partir daí podem descobrir coisas que talvez não tenha sentido, mas sentidos. Se tiver uma fagulha de sentidos, trará luz ao poema em transformação ou o *topos* do ser.

Ocorre-nos, a propósito, registrar a mensagem de Octávio Paz:

A poesia vive nas camadas mais profundas do ser, ao passo que as ideologias e tudo o que chamamos de ideias e opiniões constituem os estratos mais superficiais da consciência, enquanto o poema se nutre da linguagem viva [...] Assim

estaremos referenciando o escritor e sua obra “A linguagem” conteúdo das primeiras páginas de seu livro. (Paz. 1982, p. 47)

Sem sequer presentir, Goiás (lugar de produção) indicou o caminho. O outro feito se encontra no Livro, obra já pronta na fase de conotação importante da escrita coralínea, seu poema nos permite refletir, a Cora jovem conversando com a poetisa anciã e tendo, como pano de fundo, a possibilidade de canalizar a força do seu caráter artístico, justifica as possibilidades de convivência entre a filosofia e o ser, em seu discurso: “*Vive dentro de mim*”

A mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
Desabusada, sem preconceitos,
De casca-grossa,
De chinelinha,
De filharada
(Coralina, Cora. 1965, p.33)

Cora Coralina, a mulher que viveu todas as vidas e escreveu-as, confirma o amor próprio de pertencer recíproco da descendência goiana, iniciou precocemente na escrita, ao mesmo tempo guardou por mais de quarenta anos as memórias pensadas e escritas de sua infância.

Trajeto sempre renovado na sensibilidade, a poetisa traça o encantamento e beleza de sua poesia, enclausurada nas paredes de pedras centenárias em seu silencioso recolhimento à Casa Vela da ponte, Cora entregou-se à poesia, acolhida pela lembrança e cercada pelas pedras e o rio vermelho que corria mansamente, como sangue em suas veias, com humana humildade em sua passagem pelo planeta.

Daí porque, antes de elaborar o conceito expressivo da obra da poetisa, que consegue combinar leveza, reflexão e sentimento – a chave para a compreensão do raciocínio coralíneo, no que se refere a questão do conhecimento como pensamento, é de reflexão e grata leitura “Venho do século passado e trago comigo todas as idades.”[parte biográfica] (Coralina, 1987)

Conclusão

Ao longo do decorrer deste texto, poderíamos aproximar, a título conclusivo um passeio pela memória filosófica escolhendo a arte poética como matéria reflexiva.

Permitindo-nos refletir o homem encontrando abrigo no espaço do real e do irreal, criando o visível pela mente. Eleger o papel da imaginação na obra.

Ao acompanhar a trajetória de Cora, percebemos que a obra solicita de seu contemplador um mergulho poético [expressão simbólica do ser] de conotação bem feminina, que se torna real até as bordas... em seus escritos consagrando-a Cãnone.

Além disso ao percorrer um caminho no espaço-tempo reconheceremos o saber humano, na grandiosidade de sua essência e sua relação com a personagem, desafiando a luz do ser. Nessa confiança o desempenho do artigo dissertativo textual, aponta o tema poético em sua pluralidade de formas através do tempo.

Referências Bibliográficas:

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fonte, 1998

ARISTÓTELES. *Arte Poética*. Tradução de Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo: Difel, 1964.

BACHELARD, Gaston. *Poética do espaço*. Martins Fontes. São Paulo, 1989. (A primeira edição é de 1957)

BERGSON, Henri. *Matéria e memória; ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BILAC, Olavo. PASSOS, *Tratado de Versificação* Rio de Janeiro:1905 Editoração Eletrônica.

BOSI, Alfredo *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo, 1977.

CAMPOS, Maria José Rago. *Arte e Verdade*. São Paulo: Loyola, 1992.

CORALINA, Cora. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. São Paulo. Jose Olympio, 1965

CORALINA, Cora. *Vila Boa De Goyaz*. São Paulo: Global Editora, 2000.

_____. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. São Paulo. Jose Olympio, 2014

_____. *Vintém de Cobre*. São Paulo: Global Editora, 2013.

_____. *Tesouro da Casa Velha da Ponte*. São Paulo: Global, 2000

_____.CORALINA, Cora. *Meu Livro de Cordel* São Paulo: Global, 1987.

DENÓFRIO, Darcy França. *Cora Coralina*. São Paulo: Global, 2004

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Trad. Helder Godinho.

São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Trad. Renée Levié. Rio de Janeiro. DIFEL. 1998

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo:

Vértice, 1990. STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais de poética*. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

HEIDEGGER, Martin. *Os Pensadores*. São Paulo: Abrl Cultural, 1979.

PAZ, Octavio. *O arco e a Lira*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, 1982.

TELES, José Mendonça. *No santuário de Cora Coralina*. 3 Kelps. Ed. Goiânia. 2003.

TELES, Gilberto Mendonça. *A Escrituração da Escrita*. Editora Vozes

_____. *Retórica do Silêncio I: Teoria e Prática do Texto Literário*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1989